

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

Qualitative Research: the Chicago School contribution

Elisa Gonsalves Possebon
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
João Pessoa – Brasil
Pedro Gonsalves de Alcântara Formiga
Universidade de São Paulo- USP
Ribeirão Preto - Brasil

Resumo

O desenvolvimento e consolidação da investigação qualitativa no âmbito das ciências humanas e sociais tem sido objeto de reconhecimento em diferentes campos de conhecimento. Este avanço significativo tem se realizado historicamente à luz de trabalhos pioneiros que devem ser continuamente destacados, tanto pela sua contribuição histórica como pelos marcos teóricos, que continuam atuais, inspirando pesquisas na contemporaneidade. Este artigo tem como objetivo compreender a matriz da pesquisa qualitativa, revisitando os primórdios dessa investigação, atentando especificamente para as contribuições teóricas e metodológicas da Escola de Chicago, e utilizando como principais fontes Howard Becker e Herbert Blumer. A partir da pesquisa bibliográfica, conclui-se que além do seu caráter histórico inovador, a Escola de Chicago permanece como uma referência importante para o desenvolvimento de abordagens qualitativas em pesquisa, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico.

Palavras-chave: pesquisa qualitativa; interacionismo simbólico; escola de Chicago.

Abstract

The development of qualitative research in human and social sciences has been recognized in different fields of knowledge. This significant advance has historically taken place in the light of pioneering works that should be continually highlighted, both for their historical contribution and for the theoretical frameworks, which remain relevant, inspiring research in contemporary times. This article aims to understand the matrix of qualitative research, revisiting the beginnings of this investigation, paying particular attention to the theoretical and methodological contributions of the Chicago School, and using Howard Becker and Herbert Blumer as the main sources. From bibliographical research, it can be concluded that, in addition to its innovative historical character, the Chicago School remains an important reference for the development of qualitative approaches in research, both from a theoretical and methodological point of view

Keywords: qualitative research; symbolic interactionism; Chicago School.

Introdução

Após anos e anos sob o jugo as ideias positivistas de medição, determinismo, neutralidade, controle, objetividade, lógica formal e monismo metodológico deu-se, no início do século XX, um movimento de ascensão dos estudos qualitativos, demonstrando os primeiros sinais de insuficiência do Positivismo Lógico no sentido de compreender a vida social na sua complexidade.

Este movimento de ascensão tem seus antecedentes relacionados com a denúncia jornalística dos problemas sociais no final do século XIX através do “movimento dos levantamentos sociais”, realizado através de diferentes estudos comunitários. De fato, tal movimento foi um elemento que impulsionou diferentes investigações sobre a vida social, chamando a atenção da sociedade para a questão.

Na mesma época, registram-se contribuições importantes para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa: os estudos de Frederick LePlay sobre famílias de classe trabalhadora, utilizando-se do que viria a se chamar mais tarde de observação participante; a investigação de Henry Mayhew sobre a pobreza, descrevendo histórias de vida dos pobres; os trabalhos de Charles Booth sobre os pobres que, apesar de ser um trabalho estatístico, fez questão de descrever exaustivamente as pessoas; a contribuição de Du Bois sobre as condições de vida de pessoas negras na Filadélfia, a partir de entrevistas e observações de sujeitos; dentre outros (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.20-24).

Este artigo trata dos primórdios da investigação qualitativa, refletindo especificamente sobre a contribuição da Escola de Chicago para o desenvolvimento da investigação qualitativa no âmbito das ciências humanas e sociais, a partir da pesquisa bibliográfica.

A Escola de Chicago

O marco mais significativo no nascimento da Pesquisa Qualitativa é, sem dúvida, a Escola de Chicago. Fundada em 1895 a partir da doação do milionário J.D. Rockefeller, a Universidade de Chicago começou com um reduzido número de docentes, dentre eles Albion Small (1854-1926), o primeiro chefe do primeiro Departamento de Sociologia dos Estados Unidos. Small fundou a primeira revista de sociologia americana, a *American Journal of Sociology*, que passou a ser editada no início do século XX e existe até hoje traduziu e publicou muitos ensaios de Georg Simmel¹ (BECKER, 1996).

Antes de refletir sobre a contribuição crucial da Escola de Chicago para o campo da Pesquisa Qualitativa, é importante esclarecer o termo *escola*, utilizado para designar o movimento que aconteceu ali. O termo “*escola*”, aplicado a um conjunto de pesquisadores sociólogos, discentes e docentes, que integravam o Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago e que contribuíram de forma decisiva para o que hoje conhecemos como Pesquisa Qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.26), não se tratou de uma Escola de Pensamento, como diria Samuel Gillmore, aluno de Howard Beckerⁱⁱ, que “*consiste em um grupo de pessoas que podem nem se conhecer pessoalmente, mas uma compreende, anos mais tarde, que essas pessoas estavam fazendo a mesma coisa, pensando da mesma maneira, que suas ideias eram semelhantes*” (BECKER, 1996, s/p), isto é, os investigadores não formavam um grupo através do qual encontravam-se filiados a ela enquanto corrente teórica, fielmente observada.

A Escola de Chicago configurava-se como uma Escola de Atividade, que:

consiste em um grupo de pessoas que trabalham em conjunto, não sendo necessário que os membros da *escola de atividade* compartilhem a mesma teoria; eles apenas têm de estar dispostos a trabalhar juntos. Certas idéias vigentes na Universidade de Chicago eram compartilhadas pela maioria das pessoas, mas não por todas; certamente não era preciso que todos concordassem com essas idéias para se engajarem nas atividades que realizavam. (BECKER, 1996, s/p).

Uma questão que interessa destacar aqui sobre o movimento criado pela Escola de Chicago é a de que um grupo de investigadores, ainda que tivessem diferenças sobre determinados aspectos, partilhavam de noções teóricas e metodológicas que garantiram a formação de novos pesquisadores, que permitiram novas descobertas e, finalmente, que contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento da investigação científica, posto que, até aquela época, a dominância absoluta estava centrada nos métodos quantitativos.

Muitas das pesquisas que foram realizadas giravam em torno de compreender as condições de vida das pessoas que viviam na cidade, daí a afirmação de que “os seguidores da Escola de Chicago tendem a preferir abordagens fenomenológicas, observação participante e conceitos sensibilizantes – todos ligados a uma lógica de descoberta”(CARVALHO, 2010, p. 157).

Cabe destacar a influência da filosofia do pragmatismo sobre os estudos desenvolvidos na Escola de Chicago,

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

a qual teve início com os trabalhos de Dewey e Mead, especialmente no que se refere à interpretação dos processos e operações psíquicas, segundo sua eficácia para a solução dos problemas encontrados pelas pessoas no curso de sua conduta (...)

a solução do problema de se chegar a uma análise pragmática de situações de interação social e autorreflexão individual foi creditada a Mead, por ter focado a ação interpessoal, indicando que o modo de ação de um indivíduo suscita reações de seu parceiro, tornando-se condição para a continuidade de suas próprias ações.” (CARVALHO et al, 2010, p. 149). .

Como afirma Becker (1990), as pesquisas da Escola de Chicago possuíam uma marca empírica muito evidente e estavam organizadas para compreender os problemas sociais emergentes contemporâneos como imigração, criminalidade, raça, deficiência física e mental, dentre outros. O objetivo estava voltado, portanto, para as condições de vida das pessoas que viviam na cidade.

A fertilidade desta Escola é tanta que até hoje somos devedores de Willar Waller (1899-1945) que defendeu a ideia de que a tomada de consciência deveria ser o ponto orientador da pesquisa e que o método científico deveria estar subordinado a esta questão; de Everett Hughes (1897-1983), que desenvolveu o campo da sociologia das profissões; de Herbert Blumer(1900-1987), que criou o termo interacionismo simbólico e de muitos outros. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.30-31).

Nas palavras de Eufrásio (1995, p.48):

O esquema de trabalho acadêmico que se implantou em Chicago proporcionou condições para desenvolvimentos originais. A sociedade americana era uma fonte estimulante de problemas para a investigação sociológica e a própria cidade revelou-se igualmente fértil em sugerir indagações e em inspirar programas e temas; as pesquisas empreendidas propiciaram interpretações, procedimentos e resultados novos. O trabalho dos pesquisadores e até dos estudantes de pós-graduação foi frutuoso e relativamente contínuo; se no início foi mais ingênuo, logo amadureceu e resultou em estudos cujo interesse ainda permanece na criação de linhas teóricas e de interpretação novas, e até de importantes técnicas de pesquisa pioneira.

Assim, a Escola de Chicago é considerada uma “escola sociológica” que representa um salto qualitativo na disciplina, caracterizando-se pelo particular interesse em teorizações diferenciadas e originais, possuindo métodos e técnicas de pesquisa inovadores, assim como interesse por novos temas de investigação. Tratava-se, portanto, de fazer investigação sociológica como uma ciência prática, orientada para a ação e para as mudanças sociais (EUFRÁSIO, 1995).

A investigação qualitativa na Escola de Chicago

De fato, muitos nomes são destaques na Escola de Chicago. No entanto, o primeiro a ser destacado é o de William I. Thomas(1863-1947), que realizou um trabalho na pós-graduação, reconhecido mundialmente pela introdução de documentos pessoais e públicos na análise qualitativa, o que foi considerado um “*ponto de viragem na história da investigação sociológica*”. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.27). Em uma palestra no Brasil, Howard Becker assim se referiu a ele:

Mesmo que um aluno não saiba mais nada sobre Thomas, ele provavelmente conhece a frase que o tornou famoso: "se um homem define uma situação como real, ela se torna real em suas conseqüências". Esta foi sua primeira elaboração do conceito de "definição de situação" como elemento crucial para a compreensão da sociedade e da ação social. Thomas, Small e outros deram início a um programa de pesquisas. Estudaram as comunidades de imigrantes e a pobreza – principalmente Thomas, que sempre imagino como um homem muito vigoroso, corpulento e dinâmico. Ao lado do polonês Florian Znaniecki, Thomas iniciou uma pesquisa que veio a se tornar um dos primeiros grandes trabalhos de campo publicados: *The Polish Peasant in Europe and America* reuniu um grande número de entrevistas e histórias de vida de pessoas que viviam na Polônia e das que haviam emigrado para os Estados Unidos (BECKER,1996, s/p).

Uma figura emblemática da Escola de Chicago é Robert E. Park (1864-1944), que estudou em Harvard e em Heidelberg, tendo sido aluno de Georg Simmel. Park lecionou filosofia em Harvard mas decidiu ingressar no jornalismo, primeiro como repórter, depois como editor, onde engajou-se politicamente com temáticas sobre a questão do negro tendo sido, inclusive, secretário executivo da Organização para a Libertação do Congo Belga.

Robert Park viria a se tornar uma figura central na Escola de Chicago. Ele introduziu a questão de que era necessário à investigação reconhecer que todas as opiniões são produtos sociais. Com frequência, incentivava seus alunos a realizarem estudos de caráter mais minucioso acerca de comunidades particulares para compreender o todo. Deste encorajamento, nasceram vários estudos na pós-graduação nesta perspectiva, como por exemplo, o gueto judeu, os bailes dos taxistas, a gang, cultura *folk*, sociedades camponesas, o vagabundo, delinquência juvenil, relações raciais, dentre outros – estudos que priorizavam o comportamento humano através da interseção ente o contexto social e a vida cotidiana das pessoas (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 27-28); (BECKER, 1996).

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

Mas a construção do que foi denominado por Herbert Blumer em 1937 de interacionismo simbólico, importante conceito para o campo da Pesquisa Qualitativa e que veremos a seguir, deve-se, além dos trabalhos de William I. Thomas e Robert Park, à influência decisiva de George H. Mead.

Filósofo americano, George Mead (18863-1931) se viu descontente com o tratamento meramente especulativo da filosofia, e também se incomodava com o distanciamento que a filosofia e a ciência mantinham dos problemas sociais, decidindo especializar-se em Psicologia Fisiológica. Estudou com Dilthey e Ebbinghaus na Alemanha, em meio ao debate que resultaria na separação entre o fenomenológico e a psicologia. Dedicou-se a temas sobre filme e conduta, cinema, delinquência, preconceito racial. Quando Mead adoeceu e se afastou do curso de Psicologia Social que ministrava, coube a Herbert Blumer assumir a disciplina (SOUZA, 2011); (JONHSON, 2008).

Dentre suas muitas e valiosas contribuições de George Mead, destacamos o seu estudo sobre os atos e os gestos. Para Mead, os atos possuem quatro fases consideradas orgânicas, intrinsecamente relacionadas: o impulso (que se refere a uma resposta diante de um estímulo sensorial imediato); a percepção (que implica na capacidade de gerar estímulos através de imagens mentais criadas pela pessoa); a manipulação (após o impulso e a percepção, a pessoa empreende o esforço de realizar algo); consumação (que é a ação propriamente dita, que satisfaz o impulso original). Mead chamou a atenção para os gestos, que revelariam conversações inconscientes e afirma que os seres humanos possuem a capacidade de realizar gestos significantes, que indicam a possibilidade de adaptação dos indivíduos a experiências vivenciadas.

Souza (2011, p.375) destaca a preciosa contribuição de Mead, ressaltando que ele:

elaborou um programa para a produção de um conhecimento científico que possibilitou o surgimento de uma nova perspectiva em psicologia social; desenvolveu múltiplos conceitos para melhor compreender a relação entre indivíduo e sociedade. Sua teoria, dentre outros méritos, ampliou a reflexão sobre o processo de interação social, significando a linguagem como elemento central para a formação social do self e da gênese constitutiva das identidades psicossociais.

Refletindo sobre a contribuição de Mead, Forni (2003, p.3) destaca que o início da investigação científica reside na tentativa de resolver um problema ou dificuldade. Trata-se de utilizar a inteligência como verbo e não substantivo, como atividade que é realizada quando o pesquisador se depara com ambiguidades. Nesses termos, o que é ambíguo ou

problemático é sempre assim em relação ao que é preexistente, isto é, ao que é conhecido, incluindo pelo próprio cientista. Nesses termos, a atenção do pesquisador está voltada para o excepcional, para o extraordinário, para o que não é habitual. São essas questões que alimentam a construção de hipóteses empiricamente verificável, podendo levar a revisão de teorias e leis existentes.

A multiplicidade de métodos e instrumentos é contemplada na pesquisa qualitativa. Ela abriga, distante da pretensa intenção positivista de alcançar a compreensão da realidade através de um só método, uma pluralidade de métodos e técnicas na tentativa de compreender a especificidade dos sentidos que existem nas ações humanas que, pela sua natureza, são plurais.

É importante destacar que a empiria continuava a ser a matéria-prima dos trabalhos de pesquisa, mas a Escola de Chicago não realizava estudos puramente qualitativos, também incluía estudos de natureza quantitativa. Sobre este tema BECKER (1996, p.10) afirma:

nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos. Não havia nada demais nisso, tudo isso me parece puro bom senso, mas muitas pessoas tinham uma espécie de apego religioso a métodos de pesquisa.

Assim, o foco da investigação é na sua origem amplo e se delinea progressivamente na medida em que a investigação avança. Esta forma de fazer científico não está, a priori, refém de nenhum conjunto de técnicas em particular, pois o pesquisador pode recorrer a qualquer procedimento disponível e aceitável eticamente, a fim de obter uma imagem mais próxima da porção da vida social que está investigando.

O interacionismo simbólico de Herbert Blumer

Herbert Blumer era sociólogo e mais tarde foi presidente da *American Sociological Association*. Apesar das diferenças entre os pesquisadores da Escola de Chicago, Blumer identificou similaridades entre eles e reconhece que o conceito de interação simbólica foi construído em torno destas similaridades (BLUMER, 1998).

Herbert Blumer construiu os aportes metodológicos do interacionismo simbólico enfrentando duas grandes frentes de batalha: contra as vertentes comportamentalistas (que também era fonte de críticas de Mead) e também em desacordo com as teorias

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

sociológicas macro, em especial o funcionalismo estrutural. Para ele, tais perspectivas ignoravam as questões principais que influenciavam as condutas humanas e que estavam relacionadas com os significados e as interações humanas.

Para Blumer, a sociedade não está composta de macroestruturas; ela é um conjunto de pessoas que atuam e a vida social consiste justamente nas ações que elas realizam e compreende que as grandes estruturas emergem de microprocessos. As ações humanas não são externas ou coercitivas, como afirmava o funcionalismo, mas sim são criações dos atores e de suas ações (BLUMER, 1998). Blumer defendeu a ideia de que, até então, os sociólogos estavam sob a prescrição de conceitos que violentavam a realidade da vida social e, propôs a ideia de “conceitos sensibilizadores”, que surgem do objeto de estudo e aconselhava o que chamou de “introspeção simpática”, onde o investigador buscasse colocar-se no lugar do sujeito que se está estudando, para compreender melhor seu ponto de vista.

De acordo com Forni (2003), a relação que Blumer estabelece entre teoria existente e investigação empírica é peculiar: Blumer crê na inadequação da maior parte da teoria contemporânea, pelo seu distanciamento do mundo empírico. Tal distanciamento se dá pelo fato da teoria alimentar a si mesma, importando esquemas fora do seu próprio campo, resultando na aplicação de uma interpretação que, ao final, ordena o mundo a partir do seu molde. Nas palavras de Blumer (1998, p. 143, tradução nossa):

A teoria só tem valor na ciência empírica na medida em que se conecta fecundamente com o mundo empírico. O conceito é o meio, e o único meio de estabelecer tal conexão, pois é o conceito que aponta para que as instâncias empíricas possam ser feitas. Se o conceito é claro quanto a novas propostas. Assim, com conceitos claros, as afirmações teóricas podem ser levadas a relações íntimas e autocorretivas com o mundo empírico. Ao contrário, conceitos vagos impedem a detecção do que é relevante nas instâncias empíricas escolhidas. Assim, eles bloqueiam a conexão entre a teoria e seus mundos empíricos e impedem sua interação efetiva.

Historicamente, a abordagem interacionista começa a se delinear entre os anos 1930 e 1940, desenvolvendo-se nas duas décadas seguintes e configura-se como uma corrente teórica e também um marco metodológico nas ciências sociais. Consideramos, como Moreira (2002, p.47) que o interacionismo simbólico configura-se como “espécie de eixo básico com o qual se comunica ou assemelha a maioria dos enfoques interpretacionistas”.

Este eixo básico parte da compreensão de que o estudo do mundo empírico pressupõe uma organização mental prévia, que está relacionada com o olhar do investigador. Como destaca Forni (2003, p.6, tradução nossa) “o investigador também tem crenças acerca da natureza de seu objeto de estudo, especialmente quando este não está familiarizado com a área empírica da vida social. Os investigadores devem cuidar dos estereótipos que controlam sua visão do fenômeno social”.

Metodologicamente, o interacionismo simbólico propõe uma indagação científica através da formulação de perguntas acerca do mundo empírico e de sua natureza, através da indagação científica sobre os problemas existentes. O pesquisador possui a tarefa de delinear os princípios de como esquemas, problemas, dados, conexões, conceitos e interpretações à luz da natureza do mundo empírico em estudo. Todo esse processo metodológico se realiza no próprio ato da investigação científica e não como uma lógica independente própria (BLUMER, 1998, p. 27).

Nas palavras de Forni:

o exame direto do mundo empírico da vida social não está limitado a construção de relatos compreensivos e íntimos dos acontecimentos; deve realizar-se uma análise ou inspeção. O investigador deve estar animado a afinar seus conceitos e a formular proposições teóricas. Esta análise é a finalidade própria da ciência empírica (FORNI, 2003, p. 7).

A abordagem teórico-metodológica de interacionismo simbólico possui três premissas (BLUMER, 1998):

1. A primeira premissa afirma que os atos dos seres humanos são orientados às coisas na medida do significado, e portanto, da representação, que tais coisas possuem para si;
2. A segunda premissa destaca que o significado das coisas só emerge na própria interação social das pessoas entre si;
3. A terceira premissa remete para a ideia de que os significados mudam constantemente e estão na dependência de processos interpretativos de novas experiências sociais.

Considerando tais premissas, pode-se compreender que a interação simbólica é uma perspectiva de análise da sociedade e das condutas humanas, privilegiando o caráter simbólico das ações sociais. Nela, “o significado é um dos mais importantes elementos na compreensão do comportamento humano, das interações e dos processos” daí os interacionistas defenderem a postura de que, “para alcançar uma compreensão plena do

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

processo social, o investigador precisa se apoderar dos significados que são experienciados pelos participantes em um contexto particular”. Enquanto produto social, o significado é uma “criação que emana das atividades dos indivíduos à medida que estes interagem” (CARVALHO et al, 2010). Cabe destacar que a tarefa de obter dados do mundo social é uma tarefa que exige sensibilidade e também envolve uma natureza obstinada, pois o pesquisador precisa reconhecer a situação de ignorância em que se encontra e desenvolver um espírito aberto e humilde na busca por uma compreensão mais ampla.

É interessante destacar as considerações de Howard Becker sobre a Escola de Chicago. Becker foi aluno de Blumer e é o maior expoente vivo da Escola de Chicago. Tornou-se referência no campo da sociologia do desvio, onde desenvolveu trabalhos sobre a cultura da droga, sendo pioneiro no estudo sobre os *outsiders*. Sobre a interação simbólica no conjunto da Escola de Chicago ele afirma que:

(...) para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se reúnem para fazer coisas em comum – exemplificando com um tema antropológico, para constituir uma família, para criar um sistema de parentesco. Disso decorre que um sistema de parentesco é formado pelas ações de pessoas que fazem as coisas que se supõe que parentes devam fazer, e que, enquanto o fizerem, teremos um sistema de parentesco. Quando não o fizerem mais, o sistema de parentesco se torna outra coisa. Portanto, o que nos interessava eram os modos de interação, especialmente as interações repetitivas das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos dia após dia, semana após semana. Às vezes, esses modos de agir se alteram substancialmente, devido a uma revolução ou desastre natural, mas, outras vezes, a mudança se dá muito lentamente, à medida que as circunstâncias se modificam.(BECKER, 1996, s/p).

A abordagem interacionista de Blumer defende que a indagação científica só é possível através da formulação de perguntas acerca do mundo e ressalta que é fundamental que o pesquisador tenha familiaridade com o mundo empírico onde se localiza o problema da investigação. A aproximação ao objeto de estudo exige a exploração, no sentido de desenvolver uma familiaridade compreensiva acerca da vida social e também o sentido de desenvolver uma capacidade de indagar-se sobre a direção da investigação. A exploração é um procedimento metodológico e também uma postura exigente do pesquisador, que deve se mover de perguntas em perguntas, podendo inclusive adentrar em direções novas e inesperadas.

Nas palavras de Blumer:

Minha conclusão, em contraste com o extenso comprimento deste ensaio, é de fato breve. Ela pode ser expressa como uma simples assertiva: Respeite a natureza do mundo empírico e organize uma postura metodológica para refletir esse respeito. Isto é o que eu acho que o interacionismo simbólico se esforça para fazer. (1998, p.60, tradução nossa)

É importante destacar, neste momento, elementos da proposta da análise dos dados na perspectiva interacionista. Blumer propõe como procedimento analítico a inspeção, que implica em um profundo exame da empiria, considerando em detalhes os elementos e suas relações. Ele denomina elementos analíticos aqueles que são itens gerais ou categorias de análise flexíveis (por exemplo, alienação, mobilidade social, liderança, integração). Na inspeção, é preciso observar o dado em diferentes posições, fazer perguntas sobre ele e detalhar a natureza do elemento, o que permite identificar as relações entre os elementos analíticos. As relações encontradas são suposições que precisam ser colocadas à prova na própria empiria, a fim de que seja verificada a sua validade (BLUMER,1998, p.44-45).

O legado da Escola de Chicago

Em muito somos devedores da Escola de Chicago. Seguimos hoje, conscientes de que, ao realizar um trabalho científico, todo pesquisador coloca em movimento um conjunto de estruturas interpretativas que, por sua vez, estão relacionadas com os seus pressupostos filosóficos.

A investigação qualitativa é uma atividade científica que parte do reconhecimento de que o pesquisador é um sujeito situado histórica e socialmente. Ela trata de práticas interpretativas que tendem a dar visibilidade o mundo, a partir de seus cenários naturais, priorizando os significados que as pessoas conferem aos processos que estão vivenciando. O interesse prioritário é, portanto, pelos processos e seus significados, atribuídos pelos sujeitos.

Para isso, adota uma variedade de procedimentos de coleta de dados, como entrevistas, fotografias, notas de campo, dentre outros.

Nesses termos, a fonte dos dados é direta. Isso significa que os pesquisadores qualitativos *“reúnem informações bem de perto, falando diretamente com as pessoas e vendo como elas se comportam e agem dentro do seu contexto. Em seu habitat natural, os pesquisadores têm interações pessoais com os indivíduos ao longo do tempo”* (CRESWELL, 2014, p.50).

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

A descrição, enquanto um traço marcante da investigação qualitativa, revela a importância dos detalhes, a riqueza dos processos e o não desperdício dos indícios. Nenhum dado é considerado trivial ou dispensável; ao contrário, todos possuem “*potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo(...) Nada é considerado como um dado adquirido e nada escapa à avaliação*” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.49).

A questão da descrição é absolutamente relevante para o desenvolvimento da pesquisa. Na descrição, é fundamental que o pesquisador registre o que se denomina de notas ou diário de campo, que se configura como “*o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo*”, escrito pelo investigador após voltar de cada observação, entrevista ou outro instrumento de coleta de dados, registrando “*ideias, estratégias, reflexões e palpites, bem como os padrões que emergem*” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.150). A questão nuclear está vinculada, portanto, ao significado. Compreender a maneira como diferentes indivíduos significam os processos cotidianos é o foco da pesquisa qualitativa. O esforço é o de alcançar, da forma mais ampla possível, a perspectiva dos sujeitos.

Destacamos que o exame do mundo empírico da vida social não está limitado a um relato de experiência; deve ser realizado mediante uma análise, ou como diria Blumer, mediante uma inspeção. O pesquisador deve formular proposições teóricas a partir do exame dos dados empíricos, atentando de forma especial para o processo de significação através do qual o ator realiza o seu ato relacional, construindo assim os significados. Nesta concepção, a investigação qualitativa seria a única possibilidade de compreender como as pessoas percebem, compreendem e interpretam a vida social.

Podemos destacar que, quando se trata da pesquisa qualitativa, quatro pressupostos filosóficos que possuem implicações diretas: ontológico; epistemológico, axiológico e metodológico. Em termos de síntese, Creswell (2014, p.33) apresenta a seguinte tabela:

PRESSUPOSTOS	QUESTÕES	CARACTERÍSTICAS	IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA (Exemplos)
Ontológico	Qual é a natureza da realidade?	A realidade é múltipla quando vista por meio de múltiplas perspectivas.	O pesquisador relata diferentes perspectivas a medida que os temas se desenvolvem nos achados.
Epistemológico	O que conta como conhecimento? Como as afirmações de	Evidências subjetivas dos participantes; o pesquisador tenta reduzir	O pesquisador se baseia em citações como evidências do participante; colabora, passa

	conhecimento são justificadas? Qual é a relação entre pesquisador e quem está sendo pesquisado?	a distância entre ele e quem está sendo pesquisado.	um tempo no campo com os participantes e se torna um “incluído”.
Axiológico	Qual é o papel dos valores?	O pesquisador reconhece que a pesquisa é carregada de valores e que os vieses estão presentes.	O pesquisador discute abertamente os valores que moldam a narrativa e inclui a sua interpretação em conjunto com as interpretações dos participantes.
Metodológico	Qual é o processo de pesquisa? Qual é a linguagem da pesquisa?	O pesquisador usa a lógica indutiva, estuda o tópico dentro do seu contexto e usa um projeto emergente	O pesquisador trabalha com particularidades (detalhes) antes das generalizações, descreve em detalhes o contexto do estudo e continuamente revisa questões das experiências no campo.

Nesses termos, podemos afirmar que a questão da especificidade da Pesquisa Qualitativa coincidiu, portanto, com o desafio de construir, para as Ciências Humanas, um estatuto ontológico, epistemológico, axiológico e metodológico próprio. MARTINS (1997, p.51) ressalta o papel diferenciado da descrição na pesquisa qualitativa:

Pode-se dizer que só haverá Ciência Humana se nos dirigirmos a maneira como os indivíduos ou os grupos representam palavras para si mesmos utilizando suas formas de significados, compõem discursos reais, revelam e ocultam neles o que estão pensando ou dizendo, talvez desconhecido para eles mesmos, mais ou menos o que desejam mas, de qualquer forma, deixam um conjunto de traços verbais daqueles pensamentos que devem ser decifrados e restituídos, tanto quanto possível, na sua vivacidade representativa.(...)

Os conceitos, portanto, sobre os quais as Ciências Humanas se fundamentam, num plano de pesquisa qualitativa, são produzidos pelas descrições. Não se está colocando aqui a linguagem como objeto das Ciências Humanas, mas estamos tentando focalizar o que surge a partir do interior da linguagem na qual o homem está mergulhado, na maneira pela qual representa para si mesmo, falando o sentido das palavras ou das proposições e, finalmente, obtendo uma representação da própria linguagem.(...)

As Ciências Humanas não são, portanto, uma análise daquilo que o homem é na sua natureza, mas, antes, porém, uma análise que se estende daquilo que o homem é, na sua positividade (vivendo, falando, trabalhando, envelhecendo e morrendo), para aquilo que habilita este mesmo homem a conhecer (ou buscar conhecer) o que a vida é, em que consiste a essência do trabalho e das leis, e de que forma ele se habilita ou se torna capaz de falar” (MARTINS,1997, p.51-52).

Considerações Finais

A contribuição histórica da Escola de Chicago está relacionada com o sua atenção em lidar com temas particulares e que remetiam para a vida social da população. A partir de

Pesquisa Qualitativa: a contribuição da Escola de Chicago

teorizações inovadoras, construídas a partir de técnicas de investigação originais, abordou-se novos objetos de estudo, até então invisíveis socialmente.

Além de colocar na cena principal dos trabalhos científicos temas considerados marginais, a Escola de Chicago colocou como pressuposto da investigação o mundo empírico como o *locus* e base de toda a organização teórica e metodológica. Nesses termos, estabeleceu-se uma nova forma de fazer ciência no âmbito das ciências humanas sociais, priorizando a compreensão das interações sociais, sem o estabelecimento de teorias pré-existentes.

Tendo como ponto de partida o método indutivo e o reconhecimento de que a condição do pesquisador não o isenta de possuir valores que o orientam existencial e profissionalmente, o interesse estava em identificar detalhes, ler os sinais, estabelecer relações para compreender a vida, tal como ela é vivida na interpretação de seus sujeitos.

A atualidade das contribuições da Escola de Chicago é inegável: seguimos realizando pesquisas inspiradas por suas proposições, e desafiados por suas indagações. Respeitando a riqueza do mundo empírico, continuamos atentos aos ensinamentos de Blumer (1998, p.170): “Reconheçamos o caráter instrumental do conceito dentro do campo da ciência. Ao aceitá-lo neste personagem e usá-lo criticamente, talvez possamos evitar ser meros contadores de fatos ou fiandeiros de metafísica”.

Referências

BECKER, Howard. *A Escola de Chicago*. **Revista Mana**. vol.2 no. 2. Rio de Janeiro Oct. 1996. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200008 . 14/04/2016.

BECKER, Howard. Uma Entrevista com Howard Becker. **Revista Estudos Históricos**. v. 3, n. 5, 1990. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2290/1429> . 17/04/2016.

BLUMER, Herbert. **Symbolic Interactionism – perspective and method**. California, University of California, 1998.

BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto, Porto Editora, 1994.

CARVALHO, et al. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**. vol.30 no.1 Brasília 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011. 14/04/2016.

EUFRASIO, Mário A. A Formação da Escola Sociológica de Chicago. **Plural**; Sociologia USP. São Paulo, 2: 37-60, 1995.

CRESWELL, John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**. Porto Alegre, Penso, 2014.

FORNI, Pablo. **Las Metodologías de George Herbert Mead y Herbert Blumer. Similitudes y diferencias**. Buenos Aires, Instituto de Investigación en Ciencias Sociales Facultad de Ciencias Sociales Universidad del Salvador.2003. Disponível em <http://csoc.usal.edu.ar/archivos/csoc/docs/idicso-sdti014.pdf>. Disponível em 17/04/2020.

JONHSON, Telma Sueli Pinto. **O Naturalismo Metodológico de H. Blumer: Contribuições para as práticas de pesquisa em cibercultura**. XVII Encontro da Compós, na UNIP, São Paulo, SP, em junho de 2008. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_293.pdf . 17/04/2019.

MARTINS, Joel. A Pesquisa Qualitativa. In: Fazenda, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. São Paulo, Cortez, 1997.

SOUZA, Renato Ferreira de. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. **Psicologia Social**. vol.23 no.2 Florianópolis May/Aug. 2011. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200018. 17/04/2016.

Notas

ⁱ Sociólogo e filósofo alemão. Considerado um dos responsáveis por criar a Sociologia na Alemanha, juntamente com Max Weber e Karl Marx. Criador do conceito de sociabilidade e teórico do formalismo, desenvolveu a micro-sociologia.

ⁱⁱ Sociólogo formado pela Universidade de Chicago, pioneiro nas pesquisas sobre outsiders. Considerado patriarca da Sociologia Americana.

Sobre os Autores

Elisa Pereira Gonsalves Possebon

Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Educação pela Universidade Metodista Piracicaba. Integra o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na UFPB, onde atua na linha Espiritualidade e Saúde. Pedagoga, especialista em Pesquisa Educacional. Coordenadora do Núcleo de Educação Emocional do Centro de Educação da UFPB.

Email: elisa.gonsalves@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4597-504X>

Pedro Gonsalves de Alcântara Formiga

Especialista em Direito Público pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Mestrando em Direito na Universidade de São Paulo, onde integra o Grupo de Estudo e Pesquisa em Sociologia do Direito e Direitos Socioambientais. Bacharel em Direito pela PUC-MG, participou do Grupo de Pesquisa em Direito Internacional do Observatório de Direitos Humanos da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.

Email: pedroformiga93@usp.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4585-0119>

Recebido em: 20/04/2021

Aceito para publicação em: 12/05/2021